

**Dados Internacionais de Catalogação na
Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Santos, Alan Rocha dos

A caverna do saber: uma aventura pelo mundo
da filosofia/ Alan Rocha dos Santos.--

São Paulo : Alphagraphics, 2010.

159 p.

1 . Ficção brasileira I. Título.

ISBN:978-85-913158-0-2

10-10833

CDD- 869.93

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira 869. 93

ALAN ROCHA DOS SANTOS

A CAVERNA DO SABER

Uma aventura pelo mundo da Filosofia

SÃO PAULO
Edição do autor

A Caverna do Saber

O casarão

Dimas Spes continuava em seu quarto lendo uma de suas enciclopédias. Desde pequenino, ele surpreendia todos os seus familiares, com interrogações que as crianças costumam fazer, mas que se tornavam cada vez mais freqüentes: “De onde viemos e para onde vamos? Por que nasci aqui e não em outro lugar? O que tem lá acima do céu?... etc”.

Suas perguntas eram freqüentes, muitas delas provenientes das leituras que fazia. Mas ninguém tinha tempo para respondê-las, todos estavam muito ocupados em seus afazeres. Não podiam perder tempo respondendo perguntas de um garoto. “Um dia você vai saber dessas coisas, meu filho”. Respondiam os pais na tentativa de despistar as inúmeras indagações do pequeno filósofo. O menino pode ser chamado de Filósofo¹ sim, pois a palavra que veio do grego, representa exatamente o espírito de Dimas, alguém que pergunta que não está satisfeito com respostas prontas e busca na raiz das próprias questões, respostas para suas dúvidas. Procurava ele, alguém que fosse também amante da Sabedoria.

Certo dia, o garoto já com a idade de treze anos, foi a uma praça da cidade ler um livro. Era assim que passava seu tempo livre, no silêncio da leitura. Sentado em um banco de madeira, e tendo nas pequeninas mãos o livro da coleção “Almanaque da Juventude”, ao final da leitura se cansou. O garoto levantou,

¹ **Filosofia** (do grego : *philos* - amor, amizade + *sophia* - sabedoria) Originou-se da inquietação gerada pela curiosidade humana em compreender e questionar os valores e as interpretações comumente aceitas sobre a sua própria realidade. Atribui-se aos gregos sua formalização.

fechou o livro, demarcando o lugar em que parara a leitura, e procurando respirar ar puro, seguiu a passos lentos até perto de uma árvore. Observou que as raízes da gigantesca árvore entravam na construção ao lado. Era uma casa velha, construída em estilo francês. Um casarão abandonado.

Mantendo seu espírito de curiosidade, observou que as raízes da árvore, aumentaram uma pequena abertura na parede do casarão, então decidiu que ia ver, ou até mesmo se possível, entrar pelo buraco feito na parede. Espremendo-se, conseguiu entrar, afinal, não era tão gordo assim. Carregando seu livro e fazendo esforço para enxergar algo, lembrou-se de uma pequena lanterna que sempre trazia consigo.

Erguendo a lanterna, pouca coisa pôde ser vista, mas devido uma abertura no teto, por onde entrava um feixe de luz, o lugar se iluminava. Dando alguns passos para frente, o menino tropeçou em algo duro. Seu corpo ficou todo arrepiado, seria um cadáver? Imaginou o garoto. Quão aliviado ficou, ao perceber que o objeto que o derrubara, era somente uma montanha de livros.

Todo aquele casarão, era na verdade, uma grande biblioteca esquecida. Seu pequenino coração palpitava aceleradamente. Sua imaginação voou longe, estava certo, que daquele dia em diante, encontrara seu lugar de refúgio, construiria seu santuário secreto, longe de tudo e de todos. Mas o dia já estava findando, ao sair, passando pela abertura, o garoto tampou o buraco com alguns galhos secos, não queria que outros enxeridos encontrassem seu tesouro. Olhando para trás, contemplou sua descoberta, e ansioso por voltar, retornou para casa.

De volta ao casarão

No dia seguinte, o garoto voltou ao casarão. Sua ansiedade era tão grande, que na escola, não conseguiu se concentrar na

lição. Perguntava para si mesmo, o quê seria aquela biblioteca esquecida. Como alguém teria deixado todos aqueles livros esquecidos e abandonados. Seus amigos estavam preocupados, nunca o tinham visto assim tão aéreo. Para eles, Dimi- era assim que seus amigos e conhecidos lhe chamavam- nunca manifestara algo de estranho em seu comportamento. Mesmo que todos o achassem meio esquisito, com aqueles óculos de “fundo de garrafa”, sempre vestido em roupas de cores combinadas, era normal ele ser estranho. Dimas, não se importava com esses comentários, às vezes o menino fazia longas viagens em sua mente, ia a lugares que só conhecia através de seus livros. Seus pais, ao verem o filho assim compenetrado, consideravam-no como um bom menino, e nem se preocupavam em ajudá-lo a viver o mundo real.

Sem ao menos dar satisfação a ninguém, Dimas ao sair da escola, dirigiu-se rapidamente para a praça onde encontrou seu precioso tesouro. Ao chegar perto do buraco, olhou para cautelosamente a fim de confirmar se ninguém o seguia. Afastou os galhos secos e entrou definitivamente no casarão, estava realmente maravilhado com os livros raros que encontrava. Sua vontade era ler todos eles, mas sabia que nem quando chegasse à idade adulta conseguiria terminar toda a coleção.

Andando um pouco mais, Dimas encontrou um grande livro. Não tinha nada de especial, era velho, de capa dura, cor preta, empoeirado e carcomido pelas traças. No entanto, seu título era intrigante: “A Caverna do Saber².” O menino estava prestes a abri-lo quando ouviu uma voz:

- “Não abra esse livro!”

Quem poderia ser? Afinal, Dimas estava convencido que somente ele estava no casarão, não havia mais ninguém ali.

² As transcrições dos conceitos, rodapé e frases originais dos filósofos aqui representados foram baseadas no site da enciclopédia aberta Wikipedia: (<http://pt.wikipedia.org>). Acesso (Dez-2007/Jan. -2008), no entanto, o autor fez adaptações e acréscimos pessoais.

Cheio de confusão e medo, derrubou o livro no chão e se escondeu rapidamente. Ficou esperando o dono da misteriosa voz aparecer, porém, sentiu um forte calafrio e uma pesada mão em seu ombro, olhou e viu a figura de um homem por detrás dele.

-“ Me desculpe não queria invadir sua casa” - foi se explicando o pequeno menino.

O homem não respondeu nada, continuou olhando profundamente para o garoto. Dimas que diante daquela situação, estava profundamente envergonhado, começou a tremer.

-“Não precisa se desculpar esta casa não é minha!” – respondeu a estranha figura.

- “Então, quem é o senhor?”.

- “Desculpe não ter ainda me apresentado. Meu nome é Thales³, e o seu?”.

Dimas logo respondeu seu nome e cordialmente saudou o homem. Sentados, continuaram a conversa:

-“Meu pequenino, você não devia ter vindo aqui, muitos já se perderam nestes labirintos e eu sou um deles, que há anos estou vagando por estas estantes”.

Ao ouvir isso, Dimas abriu exageradamente seus olhos, pois agora sabia que estava diante de um fantasma.

- “Não se preocupe- continuou Thales- não represento nenhum mal a você, nossos mundos são diferentes”.

O garoto fez inúmeras perguntas para Thales, afim de que o mesmo tirasse todas as suas dúvidas. Após longa explicação, o garoto estava esclarecido. Thales era um espírito cheio de sabedoria e por isso que a biblioteca era sua casa, entre os livros, entre o saber. Somente as pessoas que buscam esse tipo de conhecimento, conseguiam vê-lo. Pelo menos foi assim que

³ **Tales de Mileto** foi o primeiro filósofo ocidental de que se tem notícia. Ele é o marco inicial da filosofia ocidental. Nasceu por volta de 624/625 a.C. e faleceu aproximadamente em 556 ou 558 a.C.

o misterioso homem explicou para Dimas este inusitado encontro.

- “Há muito tempo eu te acompanhava daqui de dentro do casarão e via quando você passava horas lendo no banquinho da praça. Sei que, apesar de sua pouca idade, você é muito curioso, inteligente e dedicado. Por isso que deixei que encontrasse a abertura por detrás da árvore”.

O garoto ficou maravilhado com a narrativa de Thales, finalmente encontrara alguém que pudesse responder todas as suas perguntas. E foi exatamente para isso que o Filósofo o atraiu para aquela biblioteca.

- “Sei o quê você está pensando pequenino. Infelizmente não posso ajudá-lo em todas as suas dúvidas. Respondê-las não posso, porém posso auxiliá-lo a encontrar pessoas e respostas. Se estiver disposto, vamos fazer uma viagem, você aceita?”.

Dimas pensou por um instante. Era a oportunidade de sua vida, seria algo fascinante. Por um tempo se recusou, por fim tomou a forte decisão:

- “Sim eu quero! Mas como vamos fazer isso?”.

- “Não se preocupe- retrucou o filósofo- para o Saber não existem barreiras. Abra o livro que você tem nas mãos”.

- “Para quê serve isso?”-perguntou o menino após encontra uma chave.

-“Ora, toda chave abre alguma coisa. Sendo assim, esta também abre uma porta, ou melhor, um portal. Olhe aquela parede ao seu lado”.

O garoto se virou, e ao colocar a chave na fechadura da parede, estas começaram a se mover. Debaixo da abertura havia uma escadaria, mas o menino não podia ver nada, pois estava escuro, nem sua lanterna podia ajudar. O filósofo consolou o menino:

- “Relaxe menino, para entrar ai é preciso ter a “Luz do Saber”. Pense em algo bom, e as coisas vão se iluminar. Eu mesmo busquei esta “Luz”, achei que ela era a água”.

- “A água?”.

- “Sim, a água. Pensei que ela fosse o fundamento de todas as coisas. Nasci em Mileto e dediquei toda minha vida aos cálculos e a harmonia das coisas. Consegui desenvolver raciocínios matemáticos tão bem elaborados, que até previ um eclipse solar e excelentes colheitas de azeitonas. O conhecimento não traz somente satisfação pessoal, mas principalmente utilidade. Assim, estive sempre a procura do que realmente é o fundamento de todas as coisas, pensei que era a água, pois ela está presente em todas as coisas”.

Ao terminar sua fala, os degraus se iluminaram. Realmente era o conhecimento de Thales que iluminava, ainda que parcialmente, a jornada em que Dimas estava preste a empreender. Assim, o pequeno filósofo entrava no mundo da Filosofia. No início da jornada, estava diante de Thales de Mileto e conheceria aos poucos as idéias deste que é considerado o primeiro grande filósofo ocidental. Thales foi um dos filósofos que acreditava que as coisas têm por trás de si um princípio físico, material, chamado *arqué*. Para ele, o *arqué* seria a água.. O filósofo com essa afirmação queria descobrir um elemento físico que fosse constante em todas as coisas, o princípio unificador de todos os seres.

Viagem pela caverna

Aos poucos os dois personagens desceram as escadarias para dentro da caverna, iluminada agora, com o saber emanado de Thales. Mas a luz era fraca, eles precisavam encontrar alguém que pudesse iluminar melhor a escuridão da caverna.

- “Então agora estou entendendo, o que o senhor queria dizer quando falou da água- disse Dimas. Pois quando eu era menorzinho, pensava que existia algo maior do que tudo que podemos ver e ouvir. Meus pais diziam que era Deus. Mas Ele

não pode ser representado, nem podemos construir sua figura. Era por acaso isso que o senhor estava procurando?”.

- “Não exatamente- explicou-se Thales- na verdade, sempre acreditei que todas as coisas estão cheias de “deuses”! Calma, explicarei. O que eu quero dizer é que existe algo que foi o princípio criador de todas as coisas, e que portanto está presente em tudo. Para mim, a matéria é algo vivo. Mas não tive tempo de concluir meus pensamentos, outros discípulos e amigos meus tiveram idéias diferentes sobre isso.

Dizendo isso pararam enfrente a imagem das pirâmides do Egito.

- “Observe esta pirâmide! Fiz várias viagens pelo mundo antigo. Certa vez fui ao Egito, lá tive a oportunidade de calcular a altura da pirâmide. Utilizei meus conhecimentos de matemática e geometria, através de sua própria sombra.”

- “Uau! O senhor deve ser mesmo muito inteligente. Além de filósofo é um matemático!”.

- “Não necessita me elogiar, na verdade, antigamente os filósofos eram conhecedores de todas as ciências. Era o amor à sabedoria que nos motivava a conhecer tudo. Vamos conhecer os outros pensadores”.

Enquanto ouvia o filósofo, o pequeno garoto estava maravilhado. Sentia-se honrado, não sabia dizer se era real ou imaginário o que estava acontecendo. Finalmente encontram ao longo do caminho uma abertura. Esta dava para uma praia. Ao longe puderam avistar duas pessoas, estavam vestidas com longos panos, assim como Thales.

- “Está vendo aqueles dois? São amigos meus- apontou o filósofo. O primeiro é Anaximandro, um discípulo meu, e o outro é Anaxímenes, ambos também são de Mileto. Ande! Vou apresentá-los a você”.

Indo ao encontro de seus amigos, Thales saudou-os com cordial ósculo. Os dois personagens, apesar do encontro inesperado, não manifestaram sinais de contentamento. Estavam compenetrados em suas idéias. Até aquele momento, Dimas não compreendia como estava entendendo a língua dos três filósofos, já que os mesmos eram gregos. Quem sabe isso tudo era obra do Saber que destroi barreiras criando uma linguagem universal?

- “Sobre o quê discutiam?”- perguntou o garoto.

Anaximandro⁴ levantou, apontou o indicador para a linha do horizonte e disse:

- “Vejam a vastidão do mundo. Deve existir outros mundos, ou melhor infinitos mundos. E o nosso mundo deve ter vindo de algo totalmente diferente do que são as coisas do mundo. Por isso, não concordo com a idéia de Thales. O princípio fundamental de todas as coisas, ao meu ver não pode ser a água. O arqué, que todos buscamos, só pode ser algo invisível, éterio e infinito. Sim, isso mesmo, a qual darei o nome de “apeíron”, ou seja o indeterminado, o infinito”.

- “E quais argumentos, caríssimo Anaximandro tens para contrapor-me?”- perguntou Thales.

⁴ **Anaximandro de Mileto** (609/610 a.C. - c. 546 a.C.) foi um filósofo pré-Socrático. Discípulo de Tales. Escreveu um livro intitulado “Sobre a Natureza”; contudo, infelizmente, esse livro se perdeu.

- “Ora, venerável Thales, é simples: o ar é frio, a água é úmida, e o fogo é quente, e essas coisas são antagônicas entre si, portanto o elemento primordial não poderia ser um dos elementos visíveis, teria que ser um elemento neutro, que está presente em tudo, mas está invisível”.

Parecia que Thales realmente havia se equivocado, até que no calor da conversa Anaximenes⁵ se levantou:

- “Senhores, creio que os dois estão enganados. Vejo o mundo em nossa volta, e não mundos que nem sabemos que existem, como afirma nosso colega Anaximandro. Meu prezado Thales afirma ser a água o princípio de todas as coisas, e Anaximandro ser o “*aperíon*”. Pois bem, eu acredito ser o ar. Exatamente como a nossa alma, o ar mantém-nos juntos, de forma que o sopro e o ar abraçam o mundo inteiro”.

O encontro na praia

Todos ficaram calados, entreolhando-se. Afinal, ao substituir a água pelo ar, Anaximenes aproximava-se do pensamento de Thales e não resolvia a questão. Os três filósofos milésios acreditavam na existência de uma substância básica única, que seria a origem de todas as coisas. No entanto, isso deixava sem solução o problema da mudança. Como poderia uma substância se transformar repentinamente em outra coisa?

Após longas horas de discussão, Dimas sugeriu que Thales continuasse a viagem pela caverna. E assim os dois deixaram para trás, os filósofos e foram a procura de alguém que pudesse resolver esta dúvida. Dimas já vislumbra a sua frente, que aquela não era uma resposta fácil de achar, mas estava decidido

⁵ **Anaximenes de Mileto** (585-528 a.C.). Foi o primeiro a afirmar que a luz da Lua é proveniente do Sol.

a procurar a resposta. Enquanto assim pensava, percebeu que ainda na praia havia mais dois homens discutindo. Perguntou para Thales quem seriam eles.

-“ Bom, se não me engano, estes dois são fortes rivais, Parmêndes de Eléia e Heráclito de Éfeso. Mais acho melhor só observarmos, desta vez não vamos nos meter em confusão. Daqui mesmo podemos acompanhar, ver e ouvir o que eles estão dizendo, quem sabe suas dúvidas agora serão respondidas”.

A cena era muito engraçada. Dois velhos, um estava sentado na areia da praia, com uma enorme cara emburrada, enquanto o outro, também com cara de poucos amigos, apontava para uma nascente e dizia:

- “Parmênides, eu já falei mil vezes para você. O elemento fundamental de todas as coisas é o fogo. Mas o que faz as coisas serem diferentes é que elas passam por transformações. Assim é a natureza. Observe esta nascente. A água corre, e por acaso se você for tomar banho, e mergulhar duas vezes, a segunda vez a água não será a mesma, nem você será o mesmo. Todas as coisas fluem”.

- “Caro Heráclito, você pode querer me mostrar mil e uma vez suas demonstrações. Mas estou convicto que todas as transformações que parecem ocorrer na natureza, não são transformações reais. Nada nasce do nada, e nada do que existe se transforma em nada e tudo o que existe sempre existiu. Sou um homem que acredito na minha razão e não nas influências dos meus sentidos. Essas mudanças são aparentes”.

Thales e Dimas acompanharam o desenrolar da questão, e estavam ainda mais perplexos diante da não-resolução do

mesmo. Mas o pequenino, compreendia que os dois filósofos, Parmênides⁶ e Heráclito⁷ estavam de lados oposto. Para Parmênides, nenhum objeto poderia se transformar em algo diferente do que era. Foi com ele que teve início o racionalismo. Percebia, com os sentidos, que as coisas mudam, mas sua razão lhe dizia que logicamente impossível que uma coisa se tornasse diferente e, apesar disso, permanecesse de algum modo a mesma. Diante do impasse criado, algo extraordinário aconteceu. Um outro homem se aproximou dos dois carrancudos e parece que propunha uma solução para a discordância. Thales logo percebeu que se tratava do famoso Empédocles⁸. Este levantando a voz pediu para que os dois filósofos se sentassem:

- “Amigos, ouvi toda a discursão de vocês, bom, acho que não somente eu. Todavia, tenho o meu parecer sobre esta questão. Acredito que os dois estão certos!”.

O dois filósofos se entreolharam, não entendiam como Empédocles havia chegado aquela conclusão. Neste momento, Thales soube que era a hora certa de aparecer juntamente com Dimas. E assim o fizeram.

- “Desculpe- disse Thales- estivámos ouvindo a discursão e também queremos acompanhar sua explicação”.

- “Então acomodem-se, pois os que buscam o Saber sempre são bem vindos- disse Heráclito, afanstando-se um pouco para que Dimas se sentasse ao seu lado”.

⁶ **Parmênides de Eléia** (cerca de 530 a.C. - 460 a.C.) nasceu em Eléia, hoje Vélia, Itália. Foi o fundador da escola *eleática*.

⁷ **Heráclito de Éfeso** (datas aproximadas: 540 a.C. - 470 a.C. em Éfeso, na Jônia) foi um filósofo pré-socrático, recebeu o cognome de "pai da dialética”.

⁸ **Empédocles** (Agrigento, 495/490 - 435/430 aC).

- “Vou explicar os pontos de acordo e discordância dos mesmos, por isso tenham paciência- continuou Empédocles- pois então ouçam: A água não pode, evidentemente, transformar um peixe em uma borboleta. Com efeito, a água não pode mudar. Água pura irá continuar sendo água pura. Por isso, Parmênides estava certo ao sustentar que “nada muda”. No entanto, ao mesmo tempo, Heráclito também está certo em achar que devemos confiar em nossos sentidos. Devemos acreditar naquilo que vemos, e o que vemos é precisamente que a Natureza muda. Logo, concluo que o que precisa ser rejeitado é a idéia de uma substância básica única. Nem a água nem o ar sozinhos podem se transformar em uma roseira ou uma borboleta. Não é possível que a fonte da Natureza seja um único “elemento”. Acredito que a Natureza se constitui em quatro elementos, ou “raízes”. Essas quatro raízes são: a terra, o ar, o fogo e a água”.

- “Espere um pouco- gritou Dimas- você não conseguiu resolver ainda um grande problema: Como ou por que acontecem as transformações que observamos na natureza?”.

- “Creio que sei responder esta sua pergunta, minha cara criança- respondeu Empédocles seguido de um olhar revoltado de Dimas por ter sido chamado de criança. Todas as coisas são misturas de terra, ar, fogo e água, mas em proporções variadas. Assim, as diferentes coisas que existem são os processos naturais gerados pela aproximação e à separação desses quatro elementos. Quando uma flor ou um animal morrem, os quatro elementos voltam a se separar. Podemos registrar essas mudanças a olho nu. Mas a terra e o ar, o fogo e a água permaneceriam eternos, “intocados” por todos os componentes dos quais fazem parte. Dessa maneira, não é correto dizer que “tudo” muda. Basicamente, nada muda. O que ocorre é que os

quatro elementos se combinam e se separam - para se combinarem de novo, em um ciclo”.

Desta vez foi o próprio Thales que interveio e perguntou:

- “Bom, mas o que faria esses elementos se combinarem de tal modo que fizessem surgir uma nova vida? E o que faria a “mistura”, digamos, de uma flor se dissolver de novo?”.

Disse Empédocles para todos os presentes, em tom poético:

- “Exitem duas forças diferentes atuando na Natureza. Eu as chamo de amor e discórdia. O amor uni as coisas, a discórdia as separa”.

E dados por satisfeitos, todos continuaram seus caminhos, principalmente Thales e Dimas pois ainda algumas dúvidas ainda atormentavam o menino...

Surge um grande Problema

Até o presente momento, Dimas estava maravilhado com tudo que presenciava. Mas ao mesmo tempo ficava confuso. Saindo da praia, entraram novamente para dentro da caverna. Desta vez, Dimas percebeu realmente que as luzes estavam mais fortes, certamente que cada aprendizado, cada descoberta através do filósofos que passava a conhecer, alimentava a luz em contraste com a escuridão. De repente Thales ficou com um semblante pensativo e triste. O garoto percebendo a mudança repentina do filósofo, perguntou:

- “O que aconteceu senhor?”.